

Principais espaços agrários mundiais

Com o avanço da globalização, a produção agrícola também tende a se mundializar, ou seja, estabelecer-se em cadeias produtivas que envolvem diferentes regiões e integram os mercados, principalmente pela atuação global de grandes empresas transnacionais. Apesar disso, o estudo das práticas agrícolas revela diferenças marcantes entre as estruturas dos espaços agrários regionais. A territorialização da agricultura surge não apenas em conformidade com as potencialidades determinadas pelos atributos naturais, mas também pelas relações comerciais que caracterizam o lucrativo mercado mundial de alimentos.

Agricultura nos países centrais

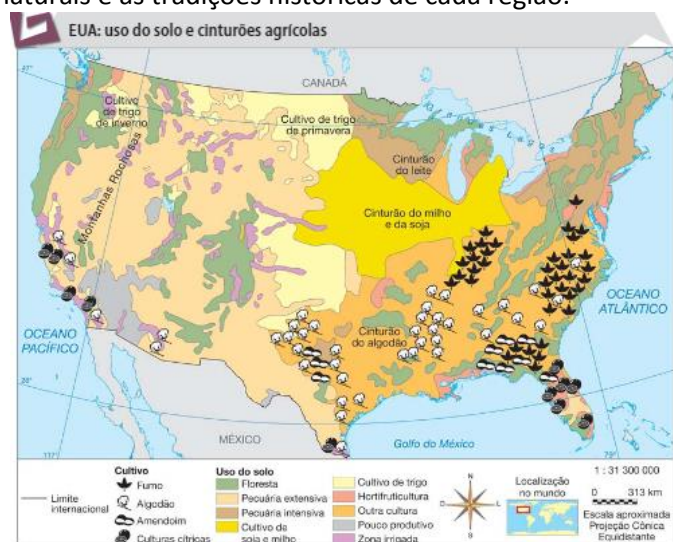
EUA

Os EUA encontram-se entre os maiores produtores agrícolas do planeta. Sua produção, além de abastecer o mercado interno, gera grandes quantidades de excedentes destinados à exportação. Os espaços agrários estadunidenses refletem o expressivo desenvolvimento econômico e tecnológico do país.

As condições naturais dos EUA também são muito favoráveis para a consolidação de sua agricultura no mercado mundial de alimentos. O país apresenta muitas terras agriculturáveis, especialmente nas extensas e férteis planícies centrais – situadas entre as Montanhas Rochosas, a oeste, e os Montes Apalaches, a leste –, com predomínio do clima temperado, drenadas pela Bacia Hidrográfica do Mississipi-Missouri (região onde o relevo plano favorece a mecanização e o transporte da produção por hidrovias).

Os EUA apresentam, ainda, expressiva diversidade climática, o que possibilita gerar desde produtos tropicais (na Flórida ou no Arquipélago do Haváí) até aqueles típicos de climas mais rigorosos, como o trigo de primavera, de germinação mais rápida, cultivado nas pradarias de clima frio na fronteira centro-norte com o Canadá.

A força da agricultura estadunidense também decorre da ênfase na produtividade que norteou a distribuição das terras ainda no século XIX. Durante a expansão territorial para o oeste, o país proporcionou amplo acesso à propriedade familiar por meio do Homestead Act (lei que orientou a apropriação de terras nos EUA a partir de 1862, difere substancialmente da Lei de Terras brasileira, de 1850. Nos EUA, as terras foram concedidas, em lotes de 64 hectares, a famílias dispostas a produzir, desde que ocupassem, desenvolvessem os lotes e atingissem as metas de produtividade exigidas para a região.) e da estruturação de seu espaço agrário, dividido em distintos cinturões especializados – os chamados belts agrícolas, que seguem as vocações naturais e as tradições históricas de cada região.



Conheça alguns dos critérios utilizados pelos estadunidenses na distribuição de sua produção agropecuária em belts.

- Parte do cinturão dos hortifrutigranjeiros e da pecuária intensiva foi instalada perto das regiões mais urbano-industriais do país, visto que os produtos são bastante perecíveis e precisam estar próximo dos mercados consumidores. Além disso, pela alta tecnologia empregada, essas fazendas são, ao mesmo tempo, fornecedoras de matérias-primas e consumidoras de produtos industriais.

- Próximo ao cinturão do leite, encontram-se o do milho e o da soja, produtos que compõem as principais matérias-primas para a fabricação de rações.

- A produção de algodão, as culturas cítricas e a fruticultura irrigada seguiram as tradições históricas, especialmente no caso do algodão, somadas às condições climáticas – Flórida: clima tropical; costa oeste: clima mediterrâneo, ideal para fruticultura irrigada.

- O cultivo de trigo ocorre em regiões onde o custo das terras já não é tão elevado, sendo comum a existência de grandes propriedades. Próximo à fronteira com o Canadá, é produzido um trigo de germinação mais rápida (trigo de primavera) para ser plantado e colhido antes dos rigores do inverno.

- Tendo em vista que as terras mais férteis do país foram destinadas à agricultura, a pecuária extensiva foi planejada para ocupar os territórios não desérticos do centro-oeste, situados nos vales das Montanhas Rochosas e nas regiões semiáridas de seu entorno. Os limites climáticos são compensados com a alta tecnologia, assegurando elevada produtividade.

Confira alguns destaques da produção agrícola estadunidense:

- maior produtor mundial de milho, soja e morango;
- segundo maior produtor mundial de laranja, cereja, maçã, espinafre, pistache e uva;
- terceiro maior produtor mundial de trigo, algodão, noz e amendoim.

Contradições da agricultura estadunidense

- Com o tempo, se não forem tomados os cuidados necessários, a prática de monoculturas intensivas pode causar a gradativa perda de fertilidade e o desgaste natural dos solos.

- A solução para minimizar esse problema tem sido a dependência cada vez maior da aplicação de fertilizantes químicos e, mais recentemente, o desenvolvimento de plantas geneticamente modificadas, capazes de suportar a adoção crescente de insumos artificiais.

- O país, que muito se utiliza desse modelo, bem como o propaga, encontra resistência para comercializar seus produtos geneticamente modificados em certos mercados, como o europeu e o japonês, que apresentam restrições à importação destes por considerá-los potencialmente perigosos à saúde.

- As práticas agrícolas estadunidenses se refletem nas controvérsias que envolvem a dieta alimentar predominante no país, considerada por muitos nutricionistas como pouco saudáveis (consumo em excesso de comida tipo fast-food e alimentos calóricos industrializados, com alto teor de gordura e sódio). Estudos apontam a relação direta entre esses hábitos e a elevada ocorrência de doenças digestivas e obesidade em sua população.

- Os EUA, tal como ocorre no Brasil, apresentam elevado índice de concentração fundiária se comparado aos países europeus. No caso estadunidense, muitas das fazendas pertencem a grupos empresariais agroindustriais transnacionais.

- O esvaziamento populacional observado no espaço rural estadunidense contrasta com a elevadíssima urbanização.

Europa

A tradição da agricultura europeia está fortemente associada à existência de pequenas e médias propriedades, que, embora também empreguem alta tecnologia no plantio, são, em muitos casos, administradas com mão de obra familiar. Atualmente, no entanto, o espaço rural europeu revela uma tendência para as fazendas multifuncionais.

Embora as exportações agropecuárias sejam significativas, o mercado interno europeu merece destaque. Além disso, ressalta-se a existência de fortes restrições ao cultivo de plantas geneticamente modificadas, que, salvo raras exceções (até 2014, apenas duas espécies: um tipo de milho e um de batata tinha seu cultivo permitido), somente entram no continente por meio de importação, sob a supervisão de agentes reguladores.

Essas características se dão principalmente porque, buscando estabelecer princípios comuns ao abastecimento agrícola no continente, foi criada a Política Agrícola Comum (PAC) em 1962, que visa garantir a autossuficiência alimentar da União Europeia e a sobrevivência econômica de seus agricultores por meio da aplicação de práticas protecionistas. A PAC possibilitou baratear artificialmente os produtos do bloco, uma vez que os preços da terra e da mão de obra são muito altos para competir com produtos similares provenientes de outros países e continentes.

A justificativa para a adoção de tais medidas está, muitas vezes, nas rigorosas normas de higiene e segurança alimentar exigidas pela União Europeia, tanto a seus produtores quanto aos produtos importados. Sem essas medidas, os produtos agropecuários europeus não conseguiriam competir no mercado internacional com os preços dos produtos provenientes de países asiáticos ou sul-americanos, onde a mão de obra é mais barata, ou mesmo dos Estados Unidos, que reduzem o preço de seus produtos por meio de práticas protecionistas e aplicação de tecnologias, como a modificação genética de sementes.

Os princípios da PAC conferem importantes vantagens aos produtores europeus, pois garantem:

- setorização na produção de alimentos no bloco;
- maior facilidade para a comercialização de produtos agrícolas dentro do bloco por meio da eliminação de tarifas alfandegárias;
- estímulo ao consumo, pelos europeus, de produtos oriundos do próprio bloco, o que já se tornou uma tradição cultural na Europa;
- blindagem dos produtores europeus contra a concorrência de outros mercados agrícolas, concedendo, por exemplo, subsídios a seus produtores.

Outros países do mundo desenvolvido

Canadá: apesar das limitações que os rigores climáticos impõem à prática da agricultura na maior porção de seu território, destaca-se a expressiva produção de cereais ao longo de sua fronteira meridional.

Japão: por haver poucas áreas para a produção agrícola, em virtude de seu território ser, em grande parte, montanhoso e vulcânico, sua agricultura é praticada com melhor aproveitamento de espaço e apresenta elevada produtividade. Sua produção de arroz e legumes (bases alimentares do país) é autossuficiente. No entanto, depende das importações de outros alimentos para garantir o abastecimento interno.

Austrália e Nova Zelândia: países que se sobressaem mais na pecuária, especialmente de ovinos, que na agricultura. A produção agrícola mais expressiva ocorre na Austrália, apesar de boa parte de seu território ser desértico, com destaque para o cultivo de frutas e vinhedos nas áreas meridionais com clima mediterrâneo.

Israel: apesar do território pequeno e parcialmente desértico, o país se destaca pela elevada produtividade e a organização dos kibutz, onde se utiliza, em muitos casos, água do mar dessalinizada.

Produção agrícola no mundo periférico

O mundo periférico, inclusive o Brasil, mesmo nos dias atuais apresenta seus espaços rurais profundamente marcados pela estrutura das antigas plantations coloniais:

- os latifúndios ainda predominam, contribuindo para a expressiva concentração fundiária;
- os produtos de exportação continuam sendo a prioridade da produção, especialmente entre os latifundiários;
- as práticas monocultoras, que levam ao esgotamento dos solos, são comuns;
- nas fazendas menos mecanizadas, há o domínio de trabalhadores rurais desqualificados, que exercem suas atividades em condições precárias, comumente contratados apenas para o período da colheita.

Os grandes latifúndios dependem das demandas do mercado mundial de alimentos – muitas vezes, com a produção não orientada pelas demandas alimentares de seus países. Assim, se antigamente as mais férteis terras das colônias sustentavam as metrópoles à custa da fome e da miséria local, a descolonização, em muitos casos, não resultou na superação definitiva desse problema.

Muitas fazendas se adaptaram a sistemas mais modernos de produção, com elevado grau de automação e aplicação de tecnologias. Entretanto, na maioria dos casos, isso não traduz um rompimento com o modelo vigente, já que, nesses países, raramente ocorreram processos aprofundados e bem-sucedidos de

reforma agrária, e as tradições monocultoras e exportadoras continuam muito marcantes, fortemente influenciadas por grandes empresas transnacionais de alimentos, que atuam em nível mundial.

A participação das grandes corporações transnacionais do agronegócio se dá tradicionalmente na transformação dos alimentos primários em industrializados – mais recentemente, elas também têm obtido elevados lucros na distribuição desses produtos pelas grandes cadeias de supermercados. Assim, sendo os principais compradores, transformadores e distribuidores dos produtos agrícolas, suas preferências e demandas têm grande influência desde a escolha do que será plantado até a aplicação de tecnologias, insumos e sementes geneticamente modificadas.

Em muitos casos, os proprietários de terras dos países periféricos, comumente contando com a conivência de seus governos, fazem uso de alguns tipos de insumos, como defensivos químicos, que nunca tiveram (ou deixaram de ter) aceitação nos países centrais, onde a legislação e a fiscalização são mais rigorosas. Esse problema tende a ocasionar danos socioambientais

PRODUTOS DE DESTAQUE NA AGRICULTURA DO MUNDO PERIFÉRICO	
América Latina	Brasil: soja, cana-de-açúcar e laranja. Argentina: trigo. América Andina: café, cacau, algodão, cana-de-açúcar e banana. Colômbia e Venezuela: café e cacau. México: milho. América Central: frutas.
África	Região do Sahel: algodão. África Subsaariana: café, mandioca e produtos tropicais (destaque para Etiópia, Nigéria, África do Sul e Angola). África Mediterrânea: fruticultura, vinha e oliveiras.
Ásia	China: cereais. Ásia Meridional e Sudeste Asiático: arroz, sorgo, amendoim e chá (utilizando, muitas vezes, o sistema de terraceamento).
Oceania Insular (Melanésia, Micronésia e Polinésia)	Produção pouco significativa, com destaque, em alguns países, para o café, o cacau e as frutas tropicais.

Muitos territórios agriculturáveis do mundo periférico ainda são cultivados de forma mais simples, com predomínio do trabalho familiar, pouca utilização de máquinas e menor aplicação de tecnologias. A produção é destinada prioritariamente à subsistência e ao abastecimento dos mercados locais. Entretanto, é importante ter cuidado com a generalização do conceito de agricultura camponesa, pois ela pode abranger diferentes situações, conforme o local e a condição dos pequenos produtores rurais que a praticam:

- pode ou não representar práticas e técnicas agrícolas mais simples;
- pode ou não estar integrada a redes mais complexas do agronegócio local, nacional ou global;
- pode ou não ser associada a sistemas de cultivo convencionais ou alternativos, como no caso da produção agroecológica, resultando em diferentes possibilidades de impactos ambientais;
- pode ser praticada por produtores isolados ou em sistemas cooperativos.

Uma condição, no entanto, parece ser comum às famílias de agricultores camponeses em todo o mundo: embora, em muitos casos, respondam por uma parcela significativa de a base alimentar de suas regiões, esses produtores costumam receber muito menos apoio (seja do governo, seja de instituições privadas de financiamento) que aqueles vinculados ao circuito do agronegócio internacional.

Atividades

1- Aponte as diferenças existentes entre as estruturas predominantes nas práticas agrícolas dos EUA e da Europa, considerando os seguintes quesitos.

a) Tamanho das propriedades:

b) Valor das terras:

c) Cultivo de sementes geneticamente modificadas:

d) Aplicação de tecnologias e produtividade obtida:

e) Mercado de comercialização priorizado:

2- Preencha o quadro apontando, de forma objetiva, as principais características da agricultura dos locais indicados.

	Tamanho predominante das fazendas	Destino priorizado para a comercialização	Produtividade/aplicação de tecnologias	Presença de mão de obra
EUA				
União Europeia				
Mundo periférico: Agronegócio				
Mundo periférico: agricultura camponesa				

3- Com a finalidade de gerar excedentes e se tornarem altamente competitivos no mercado internacional, os Estados Unidos desenvolveram uma agricultura comercial bastante especializada, que se utiliza de técnicas modernas e está bastante integrada à indústria e ao comércio daquele país, denominada de:

a) Belts ou Cinturões agrícolas.

b) Agricultura de jardinagem.

c) Kibutz.

d) Kolkhozes.

e) Plantation.

5- A singularidade da questão da terra na África Colonial é a expropriação por parte do colonizador e as desigualdades raciais no acesso à terra. Após a independência, as populações de colonos brancos tenderam a diminuir, apesar de a proporção de terra em posse da minoria branca não ter diminuído proporcionalmente.

MOYO, S. A terra africana e as questões agrárias: o caso das lutas pela terra no Zimbábue. In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; SUZUKI, J. C. (Org.). Geografia agrária: teoria e poder. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Com base no texto, uma característica socio espacial e um conseqüente desdobramento que marcou o processo de ocupação do espaço rural na África subsaariana foram:

- a) Exploração do campesinato pela elite proprietária – Domínio das instituições fundiárias pelo poder público.
- b) Adoção de práticas discriminatórias de acesso à terra – Controle do uso especulativo da propriedade fundiária.
- c) Desorganização da economia rural de subsistência – Crescimento do consumo interno de alimentos pelas famílias camponesas.
- d) Crescimento dos assentamentos rurais com mão de obra familiar – Avanço crescente das áreas rurais sobre as regiões urbanas.
- e) Concentração das áreas cultiváveis no setor agroexportador – Aumento da ocupação da população pobre em territórios agrícolas marginais.